

RESSURGIMENTO

SEMÁRIO NACIONALISTA

Director e Editor, **ANTÓNIO-LINO**Redacção e Administração: Rua de Santo António, 84
Composição e impressão: Tipografia "Minerva" — Famalicão
Propriedade da Empresa Editora Vimaranesse

AQUI NASCEU PORTUGAL! A' MARGEM

Nos nossos dois artigos anteriores — «Regresso à Tradição e Poema das Origens» — focamos a trajectória desde a remota Lusitânia aos fins do século IX. Começa aqui a definir-se a Terra Portuguesa.

A Terra permaneceu a mesma — o povo também. E, mesmo apesar de tôdas as invasões e misturas, ainda lhes corria nas veias o sangue base do seu sangue — a Raça lusitana. Agora que festejamos, no ano áureo da nacionalidade, o seu herói Afonso Henriques ouçamos as palavras que Martins Sarmento lhe dedicou em poucas palavras e onde descreve como que uma teoria desde o povo lusitano à fundação de Portugal.

«Na grande luta de Viriato contra os Romanos, parte das povoações da Lusitânia dividia-se em dous partidos, o dos patriotas e o dos egoístas, que viam no protectorado estrangeiro o começo duma época, em que podiam explorar soceadamente o veio dos seus interesses particulares. O partido dos egoístas achou quem lhe apressasse a vitória com um feito, digno de tais sequazes. O famoso caudilho, que havia sido o terror das águias romanas, foi degolado, quando dormia, pelos camaradas em quem mais confiava e que levaram a sua cabeça ao inimigo, contando que lhes fôsse paga por bom preço.

O «finis lusitaniæ» foi escrito com o sangue daquele mártir e por mais de 13 séculos tornamo-nos um povo de escravos, passando de um senhor a outro! Com D. Afonso Henriques, recuperamos os foros de nação livre.»

Insurgindo-se contra um 2.º «finis lusitaniæ» que o liberalismo político preparava — porque, dizia êle, o nosso egoísmo é enorme e insistente, o patriotismo pouco e intermitente, neste momento em que (quando da inauguração da estátua a D. Afonso Henriques) prestamos homenagem ao fundador — une-se com essa pleiade ilustre de homens na obra de restauração das virtudes perdidas com a grey, na babilónia dissoluta do liberalismo nascido em 79.

Por mais de 13 séculos passamos de um senhor a outro mas sem se alterar nada o carácter dêste povo. Ninguém o conseguiu, nem mesmo os romanos.

Etnológica e arqueologicamente é a Lusitânia uma terra bem definida. Deu-lhe a carta de foral Afonso Henriques, baptizado em Cristo em Ourique, foram-se acentuando e definindo mais e mais as características que já vinham da distância longínqua dos séculos.

E, para sempre, recuperamos os foros de nação livre e grande.

* * *

Desde os bancos do liceu que aprendi, ao iniciar o estudo da História Universal, que ela se firmava nos testemunhos: *materiais* — que ou eram documentos escritos ou monumentais, e eram os processos científicos de a fazer; e *os orais*, a que chamavamos tradição. E assim teríamos, por ordem do seu valor, os documentos escritos, os monumentos e a tradição. Quando faltassem os primeiros teria a última o valor deles.

Afonso Henriques nasceu em Guimarães. Afirmar o contrário, duvidar sequer, é erro e grande.

Pode-se afirmar, com verdade histórica, ser aqui o seu berço. A tradição continuada o afirma e comprova.

Mas rebatendo esta opinião, opondo só a dúvida, não se faz processo científico, gera-se confusão. São precisos documentos que se lhe oponham e até hoje não se encontraram ainda.

A tradição afirma. Para a contrariar são preciso provas. A afirmação não necessita delas: é.

Afonso Henriques nasceu em Guimarães.

Aqui nasceu Portugal!

E' Guimarães o seu berço. Em Guimarães se feriram as primeiras cutiladas, em Guimarães se lançou o primeiro grito de Povo Livre

* * *

Corações em festa, almas em oração, moços de pé! Avizinha-se 1940. Nesse dia glorioso em manhã radiosa, ao alvorocer dêsse dia, no berço da nacionalidade, ao som dos carrilhões de bronze das velhas catedrais do Império, junto a essa coroa heráldica de Portugal que é o nosso castelo, gritemos bem alto:

Portugal! Portugal! Portugal!

A. L.

SOBRE A GUERRA EM ESPANHA publicamos a semana passada um esquema sobre os antecedentes dela, capítulo que começou em 1930 e acabou em 1934, com a revolta das Astúrias. Daí caminha-se a passos largos para a guerra.

1935:

3 de Fevereiro — Criação do «front espanhol», grupo da direita.

3 de Abril — Formação do 4.º Ministério Lerroux.

7 de Maio — Formação do 5.º Ministério Lerroux.

25 de Setembro — Formação do 1.º Ministério Chapaprieta.

29 de Outubro — Formação do 2.º Ministério Chapaprieta.

14 de Dezembro — Formação do 1.º Ministério Portela Valadares.

30 de Dezembro — Formação do 2.º Ministério Portela Valadares.



COM A VITÓRIA da frente popular, começa «a época do terror» espanhola. Assassinam com requintes de selvagens Calvo Sotelo. E' o ponto de partida para a revolta.

1936:

7 de Janeiro — Dissolução do Parlamento.

19 de Fevereiro — Formação do Governo Azaña.

15 de Março — Eleições legislativas com o seguinte resultado: Frente Popular, 263 deputados; Direita, 135; Centro, 65; Nacionalistas Vascos, 10.

1 de Abril — Abandono do Parlamento pelos deputados da Direita.

7 de Abril — Destituição do Presidente Alcalá Zamora.

10 de Maio — Eleição de Manuel Azaña para Presidente da República e formação do Ministério Barcia.

13 de Maio — Formação do Ministério Casares Quiroga.

13 de Julho — Assassinio, em sua casa, por uma força da Guarda Civil, do deputado Calvo Sotelo.

16 de Julho — O Grupo Renovação Espanhola responsabiliza o Governo pela morte do chefe monárquico.

17 de Julho — São suspensos os trabalhos parlamentares e o Governo resolve restabelecer as relações com a Rússia.

18 de Julho — Sublevação, em Marrocos, das tropas do general Franco, que sai das Canárias em avião para se pôr á frente das forças sublevadas.

19 de Julho — Morte, em Cascais, do general Sanjurjo, quando partia de avião a assumir a chefia do movimento nacionalista.

D A C I D A D E

VIDA CATÓLICA

Primeiro Domingo depois da Páscoa

JESUS APARECEU NO CENÁCULO

Evangelho (Joan., XX, 19-30). — Chegada que foi a tarde daquele dia, que era o primeiro da semana, estando fechadas as portas da casa onde os discípulos se achavam reunidos, pelo medo que tinham dos Judeus, veio JESUS, e, aparecendo no meio deles, disse-lhes: «A paz seja convosco». E, dito isto, mostrou-lhes as mãos e o lado. Os discípulos alegraram-se à vista do Senhor. E ele disse-lhes segunda vez: «A paz seja convosco. Assim como meu Pai me enviou a mim, assim eu vos envio a vós». Ditas estas palavras, soprou sobre eles e disse-lhes: «Recebei o Espírito Santo: os pecados serão perdoados àqueles a quem vós os perdoardes, e serão retidos àqueles a quem vós os retiverdes». Mas Tomé, um dos doze, que se chama Dídimo, não estava com eles, quando veio JESUS. Os outros discípulos disseram-lhe: «Nós vimos o Senhor». Mas ele respondeu: «Eu, se não vir nas suas mãos a abertura dos cravos, e se não meter o meu dedo no lugar dos cravos, e se não meter a minha mão em seu lado, não acreditarei».

Oito dias depois, estavam os discípulos outra vez dentro, e Tomé com eles. Veio JESUS a portas fechadas, e apareceu no meio, e disse: «A paz seja convosco». E logo disse a Tomé: « Mete aqui o teu dedo, e vê as minhas mãos; chega também a tua mão, e mete-a no meu lado: e não sejas incrédulo, mas fiel ». Respondeu Tomé, dizendo: « Senhor meu e DEUS meu ». Disse-lhe então JESUS: « Tu crêste, Tomé, porque me viste: bem-aventurados os que não viram, e creram ». Muitos outros prodígios fez ainda JESUS em presença de seus discípulos, os quais não foram escritos neste Livro.

Homilia. — A PAZ. Recordemos as circunstâncias da aparição do Salvador e a alegria que a saudação «A Paz

seja convosco» despertou no ânimo dos apóstolos até aí tam perturbados e aflitos...

A natureza da paz. A paz não consiste na posse nem no gozo dos bens do mundo, nem na estima ou affectos mundanos, muito instáveis, muito precários e a maior parte das vezes falsos, nem numa espécie de sonolência ou endurecimento de consciência que são causa de que o pecador se afeiçoe ao pecado e nêle encontre a sua felicidade.

A verdadeira paz, a que vem de Deus, a que devemos desejar e procurar, não é outra coisa, no dizer de Santo Agostinho, senão a tranquillidade da ordem, isto é, o estado duma vida bem regulada.

Porque a ordem consiste na amizade de Deus começada ou recuperada, na submissão perfeita à sua lei, na conformidade da nossa vontade com a sua... Que o corpo se submetta à alma e a alma a Deus, eis a a ordem, a harmonia, a essência da verdadeira paz...

Foi esta paz admirável transtornada no céu pelo orgulho de Satanás e na terra pela gulodice e desobediência de Eva. Igualmente foi e é perturbada em cada alma pela transgressão da lei do Senhor e pela resistência à sua vontade...

Nosso Senhor veio habitar entre nós para restabelecer a ordem destruída pelo pecado, para dar paz à terra...

Mandou anunciar esta paz, desde o seu nascimento, pelos Anjos: *Pax hominibus bonae voluntatis*, isto é, a todos aqueles cuja vontade é conforme à de Deus...

Conquistou-a pela sua morte destruindo o império do demónio e as más tendências... E no dia da Ressurreição vem repartir essa paz com os Apóstolos e encarregá-los de a levarem em seu nome a todos os homens.

Devemos agradecer a Jesus o ter-nos merecimento e dado a verdadeira paz. Vigiem os nossos sentidos, especialmente o coração, para não pôr obstáculos a essa paz divina e para nunca a perder... Amen.

(Thiriete).

A ESTAÇÃO

Está em foco a estação do caminho de ferro. Já se tem feito a propósito dela uma campanha encarniçada. Os jornais locais e os correspondentes dos de fora não se têm cansado de a bombardear com bastas granadas de... papel. O resultado, porém, tem sido nulo e parece-nos que continuará a sê-lo, se persistirmos na mesma tática.

Estamos plenamente de acôrdo com a campanha, mas deixem-nos dizer francamente que a julgamos péssimamente dirigida. Nada se lucra brandando nós irados e não facundos contra a Direcção da Companhia dos Caminhos de Ferro do Norte de Portugal que Guimarães precisa, que Guimarães quer estação mais decente uma estação

que não envergonhe a cidade. Como os passageiros continuam a afluir e as mercadorias para transporte não dão sinal de diminuir aquêles senhores não terão motivo algum para se incomodarem e tudo continuará como dantes.

Mas sejamos sensatos. Quem é que se convence de que a Companhia do Norte tem qualquer preferência especial por aquêles edificio inestético? Não será ela a primeira a desejar substituí-lo? Não teria ela muito gosto em poder fazê-lo?

Todos sabem que a Companhia do Norte não voga em maré de rosas. A crise dos caminhos de ferro atingiu-a talvez mais duramente do que às suas congéneres. E' pois de supor que lhe não seja fácil atender as aspirações de Guimarães, por muito legítimas que as

NOTICIÁRIO

Aniversários

Fizeram anos:

- 3 — Octávio Pereira Machado.
- 4 — D. Constância Vitória de Abreu Lima Martins de Menezes e D. Maria Inez Martins Fernandes Ribeiro.
- 7 — João Henrique Cardoso de Menezes de Moraes.
- 9 — Francisco Manuel de Campos Trocado.
- 11 — D. Laurinda Ramos Fernandes.
- 12 — D. Maria das Dores Botelho Saavedra.
- 14 — Pedro José Maria Freitas do Amaral Lobo Machado.

Fazem anos:

- 16 — D. Maria Joana Peixoto de Bourbon e Capitão Francisco Martins Fernandes.
- 17 — Tenente António Augusto dos Santos e Engenheiro Bernardo Ferrão.

A hora de verão

Hoje, às 24 horas, serão adiantados os relógios 60 minutos, permanecendo assim até 7 de Outubro.

Doentes

Encontra-se melhor do desastre que sofreu em Lisboa o sr. João da Costa Vaz Vieira, filho do nosso amigo e sócio da empresa proprietária sr. José da Costa Santos Vaz Vieira.

O nosso desejo de rápido restabelecimento.

Teatro Rentini

Tem funcionado, com agrado, na Parada dos Bombeiros o Teatro metálico Rentini.

Casamento

Realiza-se brevemente em Coimbra o casamento do nosso companheiro e amigo sr. dr. Porfírio Henrique de Almeida Carneiro, filho do sr. dr. Alberto José Maria da Silva Carneiro e ex.^{ma} esposa, com a gentil sr.^a D. Maria Eugénia Cardoso Pinto, filha do major-médico, sr. Manuel Cardoso Pinto e ex.^{ma} esposa. Parabens e felicidades.

Partidas

Regressaram a Lisboa os nossos camaradas Rodrigues Menezes, director

considere, e por muito agradável que lhe fôsse satisfazê-las.

A verdade, porém, é que para o ano das *Festas Centenárias* é preciso que a estação do Caminho de Ferro tenha cedido o lugar a um edificio moderno e amplo que não desdiga da cidade a que serve.

Organizem as entidades representativas do concelho, com a Câmara à frente, uma comissão que se aviste com os senhores Directores da Companhia e lhes faça ver a necessidade, que *agora* se impõe, daquele melhoramento...

Estamos convencidos de que hão-de encontrar solução para o caso.

da Escola «Salazar» de aviação; Gaspar Amaral, estudante de engenharia e Joaquim de Miranda.

Comissões Centenárias

Reuniu, nos Paços do Concelho, a comissão de propaganda das Festas dos Centenários, continuando a estudar a maneira de se agir o plano estudado anteriormente.

Columbophilia

A Sociedade Columbófila de Guimarães realizou, de Coimbra, no passado dia 2 de Abril, o seu segundo concurso desta época, do qual damos a classificação geral:

José Figueira de Sousa, 1.^o, 7.^o, 18.^o, 19.^o, e 25.^o; João da Silva, 2.^o; Eduardo Santos, 3.^o, 15.^o e 16.^o; José Marques Ribeiro, 4.^o; dr. Castro Ferreira, 5.^o e 24.^o; Manuel Alves Machado, 6.^o, 14.^o, 21.^o, 31.^o, 32.^o e 35.^o; António Dias Castro, 8.^o; António Alves Pinto, 9.^o; Manuel Pereira Leite, 10.^o; Manuel Moura, 11.^o e 12.^o; José de Sousa Neves, 13.^o, 23.^o, 34.^o e 37.^o; Domingos Alves Ferreira, 20.^o, 26.^o, 27.^o, 28.^o, 29.^o e 3.^o; Fernando Ribeiro Martins, 22.^o; Duarte Garcia, 33.^o e Rafael J. Carvalho, 36.^o.

Algumas notas sobre este concurso: Concorreram sócios com um total de 370 pombos correios.

O primeiro pombo classificado fez o percurso em 1 hora e 42 minutos.

Sendo a avaliação da distância feita em linha recta, está calculado o percurso de Coimbra em 138 quilómetros.

O pombo primeiro classificado fez portanto uma velocidade média de 1.352 metros por minuto, a 81 quilómetros à hora.

Neste concurso são classificados 10 % dos pombos concorrentes, um total, portanto, de 37 pombos.

O 37.^o classificado fez o percurso em 1 hora e 58 minutos, velocidade média de 1.169 metros por minuto, ou 70 quilómetros à hora.

Neste concurso registam-se as melhores médias da S. C. de Guimarães que conta apenas 4 anos de existência.

Estas médias aproximam-se muito das obtidas pelas melhores sociedades congéneres do País — Pôrto e Lisboa.

Aos nossos assinantes

Ressurgimento, que sempre procurará alargar as suas secções, de forma a dar a cada um a leitura que mais lhe interesse, tem a honra e o prazer de anunciar às suas leitoras a colaboração de uma distinta Senhora, que, sob o pseudónimo de «Angelis», lhes comunicará as reflexões da sua inteligência, humanizadas pela bondade de um grande coração.

Começamos, também, a publicar a nossa «Carta de Lisboa» devido à pena dum moço da nova geração, que já é uma afirmação nos escritores da vanguarda.

Os seus escritos agradarão plenamente, e o *Ressurgimento* agradecerá também mais.

Notas Corporativas

A' MARGEM

A Revolução continua...

Graças à doutrina corporativa criou-se em Portugal um clima de calma social, que não exclue uma profunda actividade distribuidora de justiça, dentro do princípio de que a propriedade, o capital e o trabalho são factores solidários de riqueza nacional.

Tam rítmica tem sido a correspondência entre as afirmações doutrinárias e as realidades, que a crença do advento da sua hora de justiça pulsa, viril e fortemente, em cada consciência, ainda angustiada pela manutenção das suas condições de privação material, inibitórias de um lugar ao sol.

Há uma confiança ilimitada nas possibilidades do Estado Novo Corporativo, que brilha, em clarões de esperança, no olhar dos humildes.

Os benefícios de ordem social que o corporativismo já proporcionou a tantos trabalhadores, constituem garantias de uma continuidade de acção, até que soe a hora triunfal.

A publicação dos decretos regulamentares da criação dos Grémios da Lavoura vai modificar a situação da agricultura, em manifesto estado de inferioridade, ante a organização da indústria e do comércio.

Da concomitante actuação dos organismos coordenadores de todas as fontes de riqueza — agricultura, comércio e indústria —, há de resultar o equilíbrio, que nos falta, na vida económica da nação.

Impõe-se, portanto, a subordinação de todos à disciplina corporativa que visa, essencialmente, ao interesse nacional, numa atmosfera de respeito pela iniciativa privada.

1.º de Maio

Se o plano comemorativo do próximo 1.º de Maio, já publicado nas suas linhas gerais, perde, em relação aos anos findos, o colorido gritante das paradas vistosas, ganha, contudo, em intensidade doutrinária, o que, corporativamente, é mais louvável.

Segundo esse programa, as comemorações efectuar-se-ão; em cada con-

celho do nosso distrito, à volta de uma realização que vinque — em contraste com os 1.ºs de Maio, comícios, palavrosos, e quantas vezes sangrentos, realidades sociais, num franco ambiente, de confraternização patronal e operária.

Porque esta orientação integra, plenamente, as comemorações do 1.º de Maio no pensamento que leveda toda a nossa organização corporativa, não regateamos os nossos louvores à Delegação do Instituto Nacional do Trabalho do nosso distrito.

«Casas do Povo»

Ainda não se ofereceu ensejo para conhecer directamente a organização dos serviços da «Casa do Povo» de Ronfe.

É natural que possamos ter este prazer no próximo 1.º de Maio, dia destinado à solene inauguração da nova sede deste prestante organismo corporativo.

O que, porém, pretendemos frisar neste momento, com subida mágoa, é a «Casa do Povo» de Ronfe constituir a única existente no nosso concelho, de tantas dezenas de freguesias.

Nós bem sabemos que uma «Casa do Povo» exige, profundas dedicações para a sua manutenção e para o cumprimento das suas nobres finalidades estatutárias: previdência, tendente a proteger os sócios nos casos de doença; desemprego, inhabilidade e velhice, assistência, com a criação de dispensários, asilos, lactários, creches, defeza das condições de sanidade local, etc; instrução, educação moral, intelectual e física, pela criação de Postos de Ensino, pequenas Bibliotecas, utilização do Cinema, prática dos Desportos, etc., etc...

A execução deste admirável programa, nos nossos meios rurais, na sua maior parte lançados ao mais extremo abandono, requiere, acendrada caridade.

Mas torna-se necessário clamar bem alto que sem o nosso sacrifício, a nossa abnegação, o nosso préstimo, pequeno ou grande, não podemos construir o

novo edifício social, que de todos exige alguma coadjuvação.

Para já, lançamos esta pergunta: porque não se funda uma «Casa do Povo» na populosa, risonha e pitoresca freguesia de S. Torcato?

Aqui fica este apêlo ao sentido regionalismo dos seus habitantes.

Curso Corporativo

No acto de posse da actual Comissão Executiva da União Nacional, Salazar afirmou a necessidade de se proceder à educação nacionalista e corporativa do povo português.

Sem a reforma da nossa mentalidade, ainda imbuída dos vícios do liberalismo, não é possível radicar a Revolução Nacional no sub-solo da consciência portuguesa.

Em obediência a este mandato do Chefe a União Nacional gizou um bem elaborado plano de propagação.

Para que a execução do pensamento de Salazar atinja todos os núcleos de portugueses, impõe-se a participação nesse plano de propagação, de todas as entidades com funções dirigentes na política do Estado Novo.

Não será possível, em obediência ao imperativo de Salazar, iniciarmos nesta terra, onde trabalha, vive e formiga uma vasta colmeia operária, um curso destinado à vulgarização, segundo um criterioso plano, da doutrina dos diplomas corporativos?

Não poderemos, inclusivamente, expor a superioridade da solução corporativa sobre as anomalias das soluções liberais e socialistas, numa linguagem simples e desprezenciosa?

Devemos atender que o enquadramento de todos os operários vimaranenses nos seus respectivos Sindicatos dá foros de imperiosa necessidade a esta iniciativa e facilita-a, em larga escala.

O número dos inscritos nesse curso, ainda que diminuto não interessa, pois em nacionalismo só a qualidade merece apêlo.

Julgamos que são horas de concretizar esta ideia que por aí anda dispersa.

H. A.

PROBLEMAS MUNICIPAIS

Problema da luz — Historiando

(CONTINUAÇÃO)

A' data do movimento de 28 de Maio de 1926, a firma Bernardino Jordão, Filhos & C.ª era senhora da concessão do fornecimento exclusivo de energia eléctrica à cidade de Guimarães, pela iluminação pública e particular. O prazo desta concessão, como já dissemos no artigo anterior, devia findar em 1951, com as duas prorrogações de 10 anos cada que haviam sido feitas uma em 1913 e outra em 1919; sem essas prorrogações o seu termo seria em 1931.

Em 1926, o contrato da concessão feita em 1901, estava muito longe de satisfazer às necessidades da época e por muito que as vereações se esforçassem por melhorar as condições de iluminação da cidade, que eram posi-

tivamente deficientes, esbarrava-se sempre com o contrato que nada permitia senão à custa de grandes sacrifícios. Nomeadamente a Comissão Administrativa da Câmara, presidida pelo sr. Capitão Duarte Fraga, a primeira da nomeação do governo saído do 28 de Maio, salvo êrro, procurou aumentar a iluminação nos largos e ruas principais da cidade e conseguiu-o, mas pagando a energia e as lâmpadas.

Aproveitando-se do contrato que lhe era favorável a empresa concessionária fazia exigências, batia o pé, e não poucas vezes tomava atitudes pouco menos que vexatórias para as autoridades. Não exageramos; há felizmente ainda vivas muitas pessoas que

podem contar casos que se passaram com elas.

Foi para pôr termo a esta situação injustificada e embaraçosa que, em sua sessão de 2 de Julho de 1930, a Comissão Administrativa da Câmara Municipal de Guimarães a que presidia, com todo o prestígio, o saudoso dr. António da Mota Prego, aprovou por unanimidade, a seguinte proposta apresentada pelo vereador sr. António José Pereira de Lima:

«a) Que se considerasse nulo e de nenhum efeito o contrato celebrado entre a Câmara e a firma concessionária, por escritura pública de 30 de Agosto de 1919, na parte que tornou irrevocáveis

(Continua na 6.ª página)

ESTAMOS ENTÃO em plena guerra. Começa o avanço glorioso do exército. Dá-se a epopeia dos cadetes de Toledo!

24 de Julho — Mola domina todo o norte da Espanha e prepara-se para atacar Madrid. Queipo de Llano forma a Junta de Sevilha e encaminha-se para a capital, ao mesmo tempo que Varela ocupa Cadiz, Antequera e outras cidades da Andaluzia.

14 de Agosto — Tomada de Badajoz.
3 de Setembro — começo da batalha de Tejo, depois da queda de Mérida e da adesão de Cáceres e Naval Moral de la Mata.

4 de Setembro — Conquista do Guipuscoa, queda de Irun e, uma semana depois, de San Sebastián.

27 de Setembro — Yague aniquila o exército «vermelho» do Tejo, constituído por 50 mil homens, e Varela conquista Toledo e salva os 1.100 heróis do Alcazar.

1 de Outubro — Franco é nomeado Chefe do Estado.

17 de Novembro — Tomada da Cidade Universitária.

18 de Novembro — Reconhecimento do Governo nacionalista pela Itália e pela Alemanha.

1937:

8 de Fevereiro — Conquista de Málaga.
2 de Abril — Começo da ofensiva da Biscaia.

19 de Junho — Queda de Bilbao.

27 de Agosto — Tomada de Santander, com o aprisionamento de 35 mil milicianos.

1 de Setembro — Ofensiva de Aranda nas Astúrias.

1 de Outubro — Terminação da campanha do norte, pela conquista de Covadonga e libertação de Oviedo.

7 de Dezembro — Portugal nomeia seu agente especial em Burgos o sr. dr. Teotónio Pereira.

22 de Dezembro — Ataque «vermelho» a Teruel.

31 de Dezembro — Libertação de Teruel.

1938:

1 de Fevereiro — Sob a presidência do generalíssimo Franco forma-se o 1.º Ministério da Espanha nacionalista.

10 de Março — Reconquista de Belchite.
23 de Março — As tropas de Yague passam o Ebro.

2 de Abril — Conquista de Gandesa e Lérida por Garcia Valino, Moscardó e Yague.

6 de Abril — Tomada de Balaguer e Tremp.

15 de Abril — Chegada das tropas de Franco ao Mediterrâneo, com a conquista de Vinaroz e Benicarlo.

7 de Maio — Chega a Lisboa o sr. D. Nicolas Franco, nomeado agente especial do Governo de Burgos.

11 de Maio — O Governo português reconhece o Governo de Franco.

28 de Maio — Conquista de Puerto de Escandon, a «chave do Levante».

13 de Junho — Tomada de Castellon.
6 de Julho — Terminação vitoriosa da batalha de Sagunto.

1939:

1 de Janeiro — Começo da grande ofensiva da Catalunha.

8 de Janeiro — Junção dos exércitos nacionalistas que operam ao sul e ao norte da Catalunha.

13 de Janeiro — Ocupação de Tortosa.
26 de Janeiro — Capitulção de Barcelona.

4 de Fevereiro — Ocupação de Gerona.

6 de Fevereiro — Fuga de Azaña e do Governo «vermelho» para França.

8 de Fevereiro — Ocupação de Figueras.

9 de Fevereiro — Desembarque dos nacionalistas na Minorca.

28 de Fevereiro — Demissão de Azaña.

3 de Março — Destituição do Governo Negrin.

5 de Março — Sedição em Cartagena, fuga da esquadra «vermelha» e início da luta nas ruas de Madrid com os comunistas e as tropas da Junta Defesa.

26 de Março — Início da ofensiva de Queipo de Llano no sector de Córdova.

28 de Março — Tomada de Madrid.

DA MOCIDADE

Salazar traçou assim um dia, nestes três infinitos o programa infinito dos moços de Portugal:

Trabalhar! Lutar! Vencer!

Trabalhar com fé, lutar com entusiasmo, vencer com nobreza: eis camaradas a maneira como os rapazes da Revolução hão-de chegar até ao fim.

Trabalhar para que a Nação readquirira cada vez mais a sua consciência histórica, o seu espírito imperialista, quero dizer universalista, para que sinta o altíssimo orgulho de contribuir, de ser a primeira Nação a contribuir para o progresso do Mundo — para a civilização ocidental e cristã.

Tem razão o escritor que diz «não é a fechar-se mas a abrir-se ao mundo que as nações se engrandecem e glorificam...». Viemos duma época em que o país tudo recebia de estranhos, chegavam-nos lá de fora as máquinas e o trigo à mistura com as ciências e as artes. E se o país quisesse abrir ao Mundo de nada servia por que nada tínhamos que dar.

Tristíssima situação que repugna ao nosso brio! Para podermos usar das conquistas dos outros temos em contra partida de lhes dar qualquer cousa.

Trabalhemos pois, primeiro no nosso próprio campo; façamos o possível — e mais, o impossível — por satisfazer completamente as nossas famílias, os nossos patrões, os nossos operários, os nossos mestres, a nossa consciência, o nosso Deus. Assim progrediremos com certeza e conseguiremos sair totalmente duma situação deprimente, vexatória; trabalhemos depois para que toda a nossa geração sinta, como nós o sentimos e compreendemos, que é preciso, que é urgente — neste país em que os muitos ricos são poucos — que os muitos pobres sejam nenhuns.

Não pode haver coração bem formado que não se revolte contra certos gastos supérfluos ao saber que ainda não há pão em casa de homens que vieram ao mundo como todos e como todos se encaminham para Deus — Fim Supremo.

Lutar! Lutar contra os inimigos desta Revolução integral e magnífica; contra os que são presa do ouro e tudo por ele sacrificam; contra os que dizendo praticar o bem, se escondem para melhor executarem

os seus sinistros planos; contra os nossos bárbaros que procuram acorrentar o homem à produção; contra a sistemática crítica de desbaste dirigida aos chefes e homens de bem; contra politiquinhos vendidos; novos-velhos sempre encobertos, último entulho à nossa frente, restos da herança dum século romântico e macabro.

Contra o polvo comunista, cujos braços a pouco e pouco se vão cobrindo com as mais fantásticas peles de cordeiro.

Lutar com entusiasmo, é preciso ser digno de todos os golpes...

Lutar contra nós próprios.

E' esta a mais importante e a mais difícil das lutas. Contra aquêles defeitos que nos inferiorizam; contra as improvizações, a favor do esforço metódico; contra a aldrabice, pela verdade e pela técnica; contra o desânimo, pela perseverança. Contra o individualismo, pela disciplina.

E vencer, camaradas! E vencer! Mas com nobreza, com lealdade, com lealdade de moços, sem negócios obscuros, vencendo o espírito, conquistando inteligências e educando vontades.

Tarefa difícil, talvez impossível, dir-se-á. Olhe-mos para trás. E' ver.

A obra material é basta, já nem se pode enumerar...

E a alma da juventude que domina e agita a nação nova do Império?

E a nossa força? E a nossa doutrina? E o exército? E a Legião? e a Mocidade?

E Salazar, que nos comanda, nos guia e dá o seu nobre exemplo?

Em frente pois, rapazes, *mais além*, sempre a *trabalhar*, a *lutar* para *vencer*.

P. DE C.

E' evidente e ensinado pela experiência que é fácil a concepção onde a responsabilidade de poucos é substituída pela irresponsabilidade de muitos: os regimes democráticos prestam-se mais que nenhuns outros a compromissos, entendimentos, cumplicidades abertas ou inconscientes com a plutocracia.

SALAZAR.

Carnaval da guerra...

Nos dias já da agonia vermelha, em vésperas do fim da guerra, tomamos notas rápidas, apontamentos que hoje reproduzimos. Ei-los:

«Tenciono instalar-me em Paris, na embaixada da Espanha... pois considero-a como parte integrante do território espanhol!» — *Azaña*, el Presidente (?).

«Haverá Paz?»

— «Tenho ouvido tantas vezes falar-se da paz!... Venceremos.» — *Aguirre*.

«Acabo de ser nomeado para adido militar da embaixada nos E. U., onde

espero tomar posse em breve.» — *Ascêncio*, le colonel (?).

Carnaval de títeres, palhaços infames de tragédia... nem com ironia servem quem se apresenta no palco com as mãos tintas de sangue ainda. E como são cobardes... em *cantar de galo* quando se encontram a seguro em território estrangeiro!

Como amostra do humor inglês, vejamos esta interpelação na câmara dos comuns inglesa:

Attlee: — Pode-nos dizer porque se não estabeleceu contacto com as auto-

ridades republicanas, visto que os senhores se opõem a qualquer intervenção? (sobre a acção do cruzador inglês «Devoushive» na rendição da ilha Minorca).

Chamberlain: — Nesse momento era difícil encontrar o governo espanhol. Esse governo tinha-se espalhado por diferentes pontos... do território espanhol!

O grifado é nosso. Boa piada ao tal território espanhol que até Paris incluía, como vimos.

XXX.

Se Júlio Verne voltasse...

Júlio Verne que todos conhecemos aos 15 anos através da odisséia do *Correio do Tzar* e das aventuras de *Os filhos do capitão Grant*, foi um genial profeta de toda a civilização vertiginosa, alucinada, que marca a hora actual.

Não vai há muitos anos, nossos avós o podem testemunhar, que o submarino do capitão Nemo fazia sorrir com superioridade e desdém os espíritos circunspectos, contrários sempre a fantasia e o canhão monstro dos «Milhões de Beggum», não passava duma utopia digna de gargalhada.

E no entanto hoje, decorridas algumas dezenas de anos, que aspecto de velhario, já tem essas invenções utópicas, ante o prodígio dos piratas dos oceanos, e a monstruosidade destruidora da «Grom Berta» tudesca?

Esse bom velho, que sem sair do seu cantinho, descreveu todas as raças e todas as civilizações e todos os costumes, êsse incomparável vulgarizador que de lápis em punho fez a triangulação da África, explorou o fundo dos mares e viajou á lua, êsse amigo de nós todos, que tanta coisa divertida, empolgante ou patusca nos ensinou ao serão, como havia de gosar se voltasse do reino dos mortos, novamente a êste mundo de vida intensa.

Júlio Verne que, pela sua imaginação espantosa, construiu um mundo novo e fecundo de maravilha, qualquer coisa de fantástico e extranho, de revolucionário e contundente, o homem que viu para a frente mais que todos, que escreveu incansavelmente sobre todos os assuntos possíveis, creio que fugiria espavorido hoje, diante dum banal eléctrico, e tombaria de síncope ante uma audição sem fios.

Esse pobre burguez, comedido, circunspecto, quando lhe fôsse dado vêr no écran cinematográfico as aventuras de *Miguel Strogoff*, que êle architectou por hipóteses, ou a ilha Misteriosa que imaginou em sonhos, o menos que decentemente podia fazer era internar-se voluntariamente num manicómio, a menos que voluntariamente também, preferisse voltar aos espaços ignotos de além túmulo, única região onde os seus livros nos não levaram.

E entretanto os criadores de hoje, felizes dominadores, sem atentar no modesto velhinho que fugia a toda a velocidade possível das suas pernas trôpegas, seguiram imperturbavelmente na senda que êle idealmente lhes abriu valisando a mais louca cavalgada no progresso da humanidade.

A. C.

Preço da assinatura

Anual	24\$00
Semestre	12\$00
Trimestre	6\$00
Avulso	\$50

Êste número foi visado pela Censura

O tratado Luso-Espanhol

A grande imprensa, pela pena de pessoas marcantes no meio jornalístico e intelectual português já focou e pôs em relêvo o valor do Tratado de Amizade e de não Agressão entre Portugal e Espanha. Nem por isso, porém, deixaremos de, em rápido comentário, expor algumas ideias acerca de acontecimento tam importante na vida internacional das relações entre as duas nações peninsulares.

Convém frizar, em primeiro lugar, que o instrumento diplomático a que nos referimos em nada colide com outros compromissos internacionais por nós assumidos. Ao contrário, até, concorre em grande parte para os tornar mais sólidos, visto constituir via de seguro acesso às finalidades impostas por aquêles. A aliança luso-britânica, nomeadamente, encontra no Tratado de Amizade e de não Agressão uma espécie de complemento e garantia ao seu verdadeiro conteúdo internacional, embora pareça à primeira vista que assim não é. Na verdade, se o acôrdo em referência entre Portugal e Espanha não pode deixar de ter como resultante a nossa neutralidade em face de qualquer conflito armado na Europa, há-de concluir-se necessariamente ser o facto a melhor maneira de garantir à Inglaterra o livre jôgo de sua política internacional em tudo que toque de perto ou de longe com a aliança.

E' de notar também (e isso constitue motivo de grande satisfação para nós, pelo significado claro do facto) tratar-se do primeiro e único compromisso internacional assumido pela Espanha, e antes da occupação total desta nação pelas tropas do Generalissimo.

Este pacto veio selar uma real amizade existente entre portugueses e espanhóis. Não foi di-

tado por meros interesses económicos immediatos ou por quaisquer motivos materiais ponderosos, filhos das circunstâncias do momento histórico. Saiu espontâneo do ideal comum aos dois povos da Península, ideal pôsto mais em evidência pela tremenda luta desenrolada durante cêrca de dois anos e mais na terra heróica e sagrada da Espanha. Da lembrança dolorida do sofrimento produzido por um conflito armado sem igual na história do Mundo, vinculou-se mais e melhor a simpatia que une as duas nações da Península.

Os portugueses que tombaram nos campos da batalha travada contra o comunismo, firmaram para sempre a amizade de dois povos. O Tratado de Amizade e de não Agressão constitue ou reflecte, juridicamente, essa consoladora realidade, a qual, sendo feita de valores morais e espirituais, não pode deixar de ter em si a virtude apreciável da garantia do laço forte dum entendimento internacional a cumprir em tôdas as circunstâncias, sejam elas quais forem ou tenham a natureza que tiverem.

O brio de Portugal e o cavalheirismo de Espanha são disso a garantia plena. Aquilo que se fez numa hora de grande interesse para a Península, para a Europa e para o Mundo, não será desfeito pela adversidade dos tempos ou pela contradita dos povos. A alma das duas nações peninsulares será mais forte que a vontade dos homens, quando estes, cegos pelas paixões, queiram destruir um pacto de tanta importância para a paz do extremo ocidente europeu. Disso podemos ter a certeza, a pesar de, presentemente, serem bem tristes os exemplos no que respeita à firmeza de acordos internacionais.

A.

CARTA DE LISBOA

A próxima viagem do Chefe do Estado

Depois da viagem presidencial a Angola — a viagem presidencial a Moçambique.

E não sabemos que mais admirar: se o heroísmo dêsse ilustre vêlho que ao serviço da unidade imperial não hesita em arriscar a sua saúde e mesmo a sua vida — abalançando-se a viagens que já não são para a sua avançada idade, nem são já para a sua robustez; se o entusiasmo patriótico dêesses portugueses do ultramar — a quem a distância da metrópole, longe de arrefecer o portuguesismo, mais o incendiou e mais o fortaleceu.

O tempo em que tínhamos colónias passou...

O que há agora — é o Império: bloco perfeito, unidade indestrutível!

E cada nova viagem do Chefe do Estado é como nova pedra no edificio imperial — cuja segurança de linhas e cujo equilibrio de proporções impõem ao mundo atenção e respeito pela obra dos portugueses de ontem, de hoje, de sempre.

A propósito da Albânia

Lançando contra um exército de quatro ou cinco mil homens um corpo expedicionário de sessenta ou setenta mil soldados; escolhendo para dia da agressão a Sexta-feira Santa; e desencadeando ofensiva brutal apenas dois ou três dias após o nascimento de um herdeiro ao reino de Zogu e da encantadora rainha Geraldina — Mussolini, se procurava, aos olhos do mundo, amparar o seu prestígio bastante abalado pelas conquistas pacíficas da Alemanha, não o conseguiu, antes, pelo contrário, levantou uma celeuma e uma indignação muito fortes e muito perigosas. Muito perigosas — para êle.

A Albânia, demais a mais, já pertencia, praticamente, à Itália; já era, em relação à Itália, um protectorado.

O que é possível é que a Itália, estivesse em vésperas de deixar de ter sobre o povo albanês uma influência tôda poderosa...

E assim, a brutal ofensiva italiana, que suprimiu do mapa das nações a montanhosa e aguerrida Albânia, não foi senão mais uma consequência, mais uma visível manifestação dessa guerra surda, mas terrível, em que as grandes potências, enquanto não chega a hora dos canhões, experimentam a eficácia dos seus serviços secretos e da sua diplomacia de bastidores.

Variações sobre a Semana Santa

A Semana Santa foi, êste ano, em Lisboa, o que é sempre: muitas amêndoas, e tam doces! nas montras; muitas mulheres, e tam lindas! nas ruas e nas igrejas.

Havia também flores: lírios, glicínias — e as amarelas flores da Páscoa, miúdinhas e rutilantes como grãos de ouro.

Sim. Porque é justamente nessa quadra do ano que a natureza e a moda juntam, em tórno de nós, mais tentações: é precisamente nessa breve semana de tristeza e penitência que o demónio se reveste de melhores galas, transformando-se em amêndoa que excite a gula, em flor que deslumbre os olhos, em mulher que acorde e faça tumultuar os pensamentos pecaminosos dos homens.

Lisboa, 9-4-39

D. F.

PERSONALIDADE

Eis o título que escolhi para traduzir todos os meus votos, e bons desejos de um futuro cheio de prosperidades ao novo jornal, cujos directores, colaboradores e iniciadores, eu saúdo, com todo o entusiasmo da minha alma, que vibra sempre perante tudo o que tenta e deseja ser elevado e nobre.

Foi-me pedido para dar consentimento a que algumas cartas que por vezes escrevo a amigas minhas, fôsem publicadas neste jornal! fiquei perplexa, pois em tudo sou pequenina (até em tamanho, Deus assim me fez), e não escrever, nada valho, mas, como é sempre preciso haver bom e mau, aceito a última parte, que fará contraste com todo o belo que o vosso jornal possa conter e só desejo que êle conserve indefinidamente a «sua personalidade».

Sereis uma era de sofrimentos, de lutas, quem sabe talvez de desânimo, porque a humanidade, quando soffremos, revolta-se contra nós; e assim, quantas batalhas tereis de vencer! haveis de defrontar-vos com a ironia, suportar as controversias dos adversários e então é que é para temer o embate.

Nas horas de dor é difícil manter a própria personalidade, pois todos tendemos a afastar o que nos magoa e por vezes, a pouco e pouco, resvalamos para uma inércia que nos coloca fora do que somos.

Poderia desejar-vos honras e glória, mas, se tudo isso é efêmero e vão, se-

ria um desejo de pouca valia: quantas vezes, quando passo por pequeninas aldeias e ao pôr do sol vejo o fumo das lareiras que em ondas se solta pelas chaminés dos pobres casebres, tenho pensado... assim se esvaem tôdas as cousas dêste mundo, que afinal de tudo que nos dá, nada é nosso.

Apenas uma cousa podemos de facto reler: a nossa «personalidade», essa, está na nossa mão, anda connosco, vive em nós, a não ser que por vontade própria a atrofiamos; mas então para não sermos levados de vencida, procuremos nós vencer!

Quantas vezes no futuro pensareis nas palavras desta pobresita! é que ela tem soffrido muito, depois da vida tanto lhe ter dado; tudo lhe levou e fala assim com conhecimento de causa, o que dá sempre fôrça ao que se diz.

E a propósito de «personalidade» vou contar-vos uma cousa muito simples, nada vale mas, tem a sua significação: como a dor física e moral não mata mas deixa vestígios, nos últimos tempos, o meu parecer transtornou-se, envelheci rapidamente e então pessoas amigas pediram-me que puzesse um pouco de côr nos lábios; pela primeira vez na minha vida cedi: mas, foi sol de pouca dura; tive uma revolta comigo mesma! Via-me no espelho «não era eu», sentia-me colocada em série, quando gosto de ser o que sou, aquilo que sempre fui.

Tenham pois paciência os meus amigos, feia, ou bonita, velha, ou nova, com bom ou mau parecer, aguentem-me, mas não queiram tornar-me irrisão de mim própria.

Hoje há muita gente que vai na leva como costuma dizer-se porque de facto, ter-se uma personalidade, custa por vezes profundas máguas e até uma vida de constante tormento!

Mas, quanto vale, o sentirmos que trilhamos o caminho do dever e da dignidade!

Por isso pensei se foi mal perdoar-me, que seria o mais auspicioso e amigável voto de constantes prosperidades para o vosso jornal, o desejar-vos que êle conserve em todos os tempos a «sua personalidade».

GANELIS.

Trabalhada por diversas fôrças de desagregação, a sociedade portuguesa desfibra-se, decompõe-se, — vai-se. E vai-se, sobretudo, porque deixou obliterar o sentido da sua própria continuidade, o conhecimento do seu génio ancestral.

António SARDINHA.

Problemas Municipais

(Continuação da 3.ª página)

vel a prorrogação da concessão do fornecimento de energia eléctrica por 20 anos;

b) Que se denunciase o contrato de 1901;

c) Que se procedesse sem perda de tempo às diligências necessárias para municipalizar a iluminação pública da cidade ou para a adjudicar em concurso público.

Contra esta deliberação reclamou a sociedade concessionária perante a auditoria administrativa do Pôrto. Na sua contestação a Câmara alegou entre outras razões.

Que as prorrogações de Julho de 1913 e Agosto de 1919 foram manifestamente ilegais e nulas *ipso jure*, não tendo existência jurídica, porque excederam os limites das renovações estabelecidas no decreto n.º 35 de 10 de Julho de 1913 (fixadas em 5 anos);

Que as deliberações reclamadas traduziam a opinião da cidade de Guimarães, porque o contrato de concessão de 1901 já não satisfazia ao espírito da época e tinha grandes deficiências de que a reclamante se aproveitava para perseguir os consumidores que lhe desagradavam e para impedir melhoramentos na iluminação pública, que a Câmara reclamada só poderia conseguir que se fizessem mediante humilhações inconciliáveis com exercício da função pública que lhe está confiada.

Com o fundamento de que as prorrogações de 1913 e 1919, tendo sido feitas por mais de cinco anos, eram absolutamente nulas e não podiam por isso conferir à reclamante quaisquer direitos a reclamação foi julgada improcedente e não provada.

Desta sentença da auditoria administrativa do Pôrto, recorreu a firma Bernardino Jordão, Filhos & C.ª para o Supremo Tribunal Administrativo, que também negou provimento ao recurso, confirmando a decisão recorrida e condenou a recorrente em 1.000\$00 de custas além do preparo feito.

Esta última sentença foi proferida em 20 de Julho de 1934.

VERAX

"Res non verba"

Se exceptuarmos as que se referem ao obscuro autor destas linhas, aplaudido com calor e com veemência tôdas as palavras que o ex.º sr. Presidente da Comissão Concelhia da União Nacional escreveu a saúdar o Ressurgimento.

Pelo que nos diz respeito, não nos julgamos dos mais valiosos serenos e cultos. Somos apenas sincero. Essa virtude, se tal se pode chamar uma disposição que possuímos sem qualquer esforço nosso, temo-la em elevado grau, tam elevado que às vezes poderá parecer rudeza ou orgulho. Mas não é.

Somos sincero e somos coerentes; pelo menos procuramos sê-lo. Entendemos que se o mínimo dos nossos actos desmentisse propositadamente, num ápice que fôsse, os principios que dizemos professar, não seríamos fiel à causa sagrada de que nos afirmamos soldado e os outros teriam sempre direito a desconfiar da nossa sinceridade.

Aplaudimos por isso as palavras do sr. Presidente da Comissão Concelhia da União Nacional, porque elas proclamam os direitos da verdade, a necessidade da disciplina e da concórdia, o valor da virtude e do sacrifício e a superioridade das obras sobre as palavras por muito sublimes que estas sejam.

Aplaudindo-as calorosamente só fazemos votos muito sinceros e muito ardentes porque todos os nacionalistas da nossa terra, desde os mais altamente colocados até aos que ocupam os postos de combate mais anónimos demonstrem, infalivelmente por actos e factos mais do que por palavras a sua sincera adesão à causa nacionalista e a sua desinteressada dedicação pelo grande Chefe que em tudo nos dá assombroso exemplo, e saibam merecer em tôdas as circunstâncias, pela sua coerência incontestável, a confiança plena, indiscutível, absoluta de todos os seus irmãos de armas.

VERAX.

Lêde e propagai

"Ressurgimento"

VERAX

O SONHO DA ÍNDIA

AFONSO DE ALBUQUERQUE

A Epopeia duma Raça!

por

ELAINE SANCEAU

TRADUÇÃO DO

Dr. JOSÉ F. DOS SANTOS

Reitor do Liceu M. Sarmiento

Livro que acaba de aparecer

: : : editado pela : : :

Livraria Civilização

Moreira de Cónegos, Abril de 1939

Presidente da Câmara

— Feira — Futebol

A fim de se certificar das necessidades mais instantes desta freguesia, esteve hoje em Moreira de Cónegos, o prestigioso Presidente da Câmara Municipal de Guimarães, ex.º sr. capitão José Maria Magalhães e Couto, que nas suas diligências em prol do progresso desta localidade foi acompanhado pelos srs. Horácio de Castro Machado, Presidente da Junta, Rodrigo Lobo, proprietário, e prof. Hugo de Almeida e Manuel Ferreira, industrial.

O ilustre Presidente da Câmara indicou a forma mais viável para a reparação do caminho que liga o lugar do Outeirinho à estrada da Igreja e resolveu proceder imediatamente à construção de um pontilhão no lugar de Pereiras e fornecer algum mobiliário às escolas desta freguesia.

A notícia dos dois primeiros melhoramentos, há tanto tempo desejados, causou a mais viva satisfação entre o povo desta freguesia.

Bem haja o sr. Presidente da Câmara pelo interesse que está a dispensar a esta importante localidade.

— No lugar do Entroncamento desta freguesia, realizou-se uma concorrida feira de gado, promovida pela Sociedade Bovina de Santo António, benemérita instituição de mutualismo, onde os lavradores das freguesias de Moreira, Lordelo, Conde, Caldas, Guardizela e Serdezelo, têm o seu gado

"Ressurgimento"

INFORMA

Verbete de sociedade

Termina hoje o prazo para as sociedades entregarem no Instituto Nacional de Estatística o verbete de sociedade.

Quando dizemos sociedades, referimo-nos, naturalmente, a sociedades anónimas, comandita por acções, comandita simples, por cotas ou em nome colectivo.

Temos de formar na vida um ideal, para dar à Nação a força de que ela necessita para caminhar e é na «mocidade» que se firma o Ideal de Vida.

SALAZAR.

assegurado, mediante uma reduzida quota.

A feira foi abrilhantada por uma banda de música.

— Efectuou-se com grande brilhantismo a inauguração do campo de futebol desta localidade, que ficará sendo um dos melhores do nosso concelho.

Completamente vedado, além de ter as dimensões mínimas, possui balneário e bancadas. — C.

JOÃO FERREIRA DAS NEVES

Rua de Santo António — Telefone 181

GUIMARÃIS

HORÁRIOS DAS CARREIRAS DE CAMINHETAS

HORÁRIOS DAS CARREIRAS DO PEVIDÉM

Guimarães	Pevidém	Pevidém	Guimarães
Partidas	Chegadas	Partidas	Chegadas
7,35 A	7,50	8,00 A	8,15
8,05 F	8,20	8,30 F	8,45
8,20 B	8,35	9,00 B	9,15
12,00 C	12,15	12,30 C	12,45
16,30 B	16,45	17,15 B	17,30
19,15 D	19,30	19,30 D	19,45
20,35 E	20,50	20,55 E	21,10

A — Efectuam-se diariamente excepto aos Domingos.
B — Efectuam-se aos Sábados.
C — Efectuam-se diariamente.
D — Efectuam-se de 1 de Dezembro a 30 de Junho.
E — Efectuam-se de 1 de Julho a 30 de Novembro.
F — Efectuam-se só aos Domingos.

HORÁRIO DA CARREIRA DA PÓVOA DE VARZIM

Guimarães	Póvoa	Póvoa	Guimarães
Partida	Chegada	Partida	Chegada
7,15	9,55	17,15	19,50

Efectua-se todo o ano

De 1 de Julho a 30 de Novembro

Guimarães	Póvoa	Póvoa	Guimarães
Partida	Chegada	Partida	Chegada
7,15	9,55	18,35	21,20

De 15 de Junho a 15 de Novembro

Guimarães	Póvoa	Póvoa	Guimarães
Partida	Chegada	Partida	Chegada
11,45	14,25	8,00	10,40

HORÁRIOS DAS CARREIRAS DO PORTO

Guimarães	Porto	Porto	Guimarães
Partidas	Chegadas	Partidas	Chegadas
8,05	10,00	8,00	10,00
12,35 C	14,30	12,30 C	14,25
18,20	20,15	17,00 A	19,05
		18,30 B	20,25

A — Só se efectua de 1 de Dezembro a 30 de Junho.
B — Só se efectua de 1 de Julho a 30 de Novembro.
C — Não se efectua aos Domingos.

Acção Imperial

O Estado Novo tem pôsto o maior empenho no Ressurgimento da ideia do Império. Neste sentido, tomaram-se várias iniciativas — tôdas elas tendentes à recuperação de uma mentalidade afirmativa e construtiva e, em consequência, à formação de uma nova consciência das coisas coloniais.

Assim, em 1929 os nossos produtos coloniais figuravam na Exposição Ibero-Americana de Sevilha; em 1931, concorriamos á Exposição Colonial Internacional de Paris; em 1932, realizavam-se as Feiras de Amostras Coloniais de Angola e Moçambique, em 1934, inaugurou-se no Pôrto a 1.^a Exposição Colonial, que resultou num autêntico triunfo; e, resumindo para não alongar mais a enumeração, o Império Colonial Português esteve dignamente representado na Exposição Internacional de Paris, bem como se organizou, em Lisboa a Exposição sobre a acção colonizadora, que constituiu, sob, todos os aspectos, justo motivo de orgulho, de amor de domínio, de tenacidade e decisão.

Ao lado daquelas realizações, promulgaram-se diplomas legais do maior significado e alcance. O *Acto Colonial*, exprimindo a nova compreensão da Pátria Portuguesa das Cinco Partes do Mundo, é o diploma fundamental do Império; a *Carta Orgânica do Império Colonial Português* concretizou os princípios do Acto Colonial, regulando extensamente o estatuto dos funcionários coloniais, a administração local, o regime financeiro, as instituições judiciárias, a ordem económica e social e a situação dos indígenas. Por último, e ainda no domínio das disposições legislativas, publicou-se a Reforma Administrativa Ultramarina que veio substituir uma confusa legislação fragmentária e dispersa.

Quanto à actividade administrativa propriamente dita, e acção do Estado Novo foi verdadeiramente notável, verificando-se actualmente que tôdas as colónias têm os orçamentos equilibrados, algumas delas com saldos positivos importantes. E assim como na Metrópole o desenvolvimento económico resultou do ordenamento financeiro, nas Colónias da resolução deste problema partiu-se para a efectivação de um programa de fomento que se traduziu na deminuição dos defeitos nas balanças comerciais de Angola e Moçambique.

Mas o Governo do Estado Novo vai mais longe na preocupação de cuidar efectivamente do nosso prestígio de potência colonial, resolvendo promover a viagem do Chefe do Estado às províncias ultramarinas do Império. E' uma iniciativa com largas repercursões na vida interna e externa do País: primeiramente, provoca nas colónias visitadas entusiásticas manifestações patrióticas, sinceras provas de portuguesismo; depois, afirma ao Mundo, por forma iniludível, a solidariedade e unidade do Império Colonial Português.

Em momentos como o presente — aquelas manifestações e esta afirmação de solidariedade e utilidade têm a maior oportunidade.

Legião Portuguesa

Amanhã, às 9 horas, há instrução para os recrutas. Para os outros oportunamente será anunciado o dia de instrução.

O nosso aparecimento...

Noticiaram o nosso aparecimento os jornais locais e correspondentes dos grandes diários, saudando-nos. Os nossos agradecimentos.

Do *Correio do Minho* transcrevemos:

«Ressurgimento»

Um novo jornal de que é director
António-Lino

«Com justificado anseio, há muito que esperava o momento em que me fôsse dado ler o novo semanário vimaranense, que alguns amigos da vizinha cidade de Guimarães, alvoroçadamente me tinham anunciado, numa das minhas últimas passagens por ali.

Ressurgimento é o seu título e tem como um penhor do seu porte o nome de António-Lino, que os bracarenses tanto estimam e admiram. Não poderia o *Ressurgimento* arranjar melhor fiador!...

Quando à frente dum jornal, e quando digo dum jornal digo de qualquer organização, aparece um nome como o de António-Lino, não há suspeitas que tenham cabimento, e desde logo é imposto a todos os bons nacionalistas, o dever de o acarinharem.

Temos a certeza, de que daqui em diante há em Guimarães mais uma sentinela da *boa causa*, mais um baluarte aguerrido das *ideias*, pelas quais António-Lino e eu temos pelejado intransigentemente, com a rebeldia característica das nossas almas môças e irmãs.

Irmãs na luta! Irmãs na vitória, se Deus quiser!

E' essa intransigência e rebeldia, que ainda hoje constitue a melhor muralha da *cidade nova*, cujo pórtico sofre constantemente as investidas dos infieis, que por todos os meios e artimanhas o pretendem forçar.

Mas nós, e quando digo nós digo todos aqueles que temperaram a sua fé na luta, jámais o consentiremos.

Não é assim, António-Lino?

Ressurgimento será, pois, rebelde e intransigente, procurando o erro para o causticar, esteja êle onde estiver. Mas, cautela! não vá alguém, fechado num sectarismo impróprio da nossa mentalidade, confundir a intransigência perante os homens.

A primeira nobilita e engrandece; a segunda, diminue e avilta.

Generosidade para com os homens, principalmente quando as suas obras redimem as suas culpas ou pelo menos as atenuam.

Ressurgimento, eu creio, será em tudo digno do passado de quem o dirige.

E, por que assim será, êle há-de contribuir para a união de todos os nacionalistas do burgo afonsino, desde quasiúnculas filhas de interesses materiais, dominados por um só pensamento, aquêle pensamento que nos impressionava quando nós — falo para António-Lino e os seus amigos — saíamos à rua a dar combate ao *revivalho*.

E, assim, quando o Chefe do Império, rodeado pelo seu Governo, o Governo de Salazar, fôr junto às muralhas do Castelo de Guimarães e a Santa Maria de Oliveira, em peregrinação votiva, vós, amigos de Guimarães, oferecer-lhe-eis, como preito do vosso reconhecimento, pelo muito que têm feito pelo bem do nosso Portu-

gal, a vossa união, como a que quere o Chefe, disciplinada, abençoadamente — dentro da União Nacional.

Mil vezes seja bemvindo o *Ressurgimento*.

ANTÓNIO SANTOS DA CUNHA.»

*
* *

Ao António Santos da Cunha agradeço em nome do *Ressurgimento* os votos que nos dirige. Em meu nome os meus agradecimentos também, com a *certeza da lealdade e camaradagem* que desde as primeiras horas de incerteza sempre nos acompanhou. Se nesse momento soubemos ser dignos do nosso credo, hoje que as acometidas do revivalho se acobardaram na infiltração nas nossas fileiras, mantemos ainda hoje com a mesma intransigência e desassombro o mesmo credo, a «sagrada violência» como tu lhe chamavas.

Aos que até nós *hoje* chegam recebe-os sem ressentimento. Recordo-os mas não esqueço. E como se *esquece* tam facilmente em Portugal! A êsses devo-lhe camaradagem, não obediência.

E tu bem sabes que a maçonaria não procura infiltrações nas fileiras mas nos comandos. Se muitos vêem sinceramente — só não mudam os burros — outros há que ou procuram pe-nacho ou a saca dos 30 dinheiros com que se vendem, e nos vendem como bem frisou aquêle nosso grande amigo e ilustre mestre doutrinador da «Vanguarda».

Recebe António da Cunha as minhas saudações de camarada.

Do Comércio de Guimarães:

Novo colega

«Em Guimarães vê a luz da publicidade um novo colega, dirigido pelo fervoroso nacionalista e nosso prezado amigo o sr. António-Lino Pedras.

Propõe-se seguir a política do Estado Novo e defender os seus princípios.

Ressurgimento é o seu título.

O seu aspecto gráfico é excelente e traz boa colaboração.

Mais um colega que milita no nosso campo, é mais um soldado que vem engrossar o exército de Salazar, mais um amigo que, connosco, lutará pela defesa dos bons princípios e engrandecimento de Guimarães.

A nossa solidariedade amiga e longa vida.»

Do Comércio do Pôrto:

«Começou ontem a ser publicado o *Ressurgimento*, semanário nacionalista e do qual é director e editor o nosso prezado conterrâneo sr. António-Lino.

O novo jornal apresenta esplêndida colaboração e na primeira página, uma artística gravura do sr. dr. António de Oliveira Salazar, magnífico trabalho que tem merecido elogiosas referências ao autor sr. António-Lino.

Ao *Ressurgimento* reiteramos os nossos cumprimentos de boas-vindas.»

UMA ESCOLA MEDIEVAL

em Guimarães

Embora esta afirmação cause espanto aos próprios vimaranenses, a verdade é que a origem do Liceu de Martins Sarmento é mais remota que a da nossa vèlha Universidade de Coimbra. Nem será talvez arrôjo afirmar que não existe escola portuguesa que se possa orgulhar dum passado tam extenso e duma acção tam persistente.

Com efeito, a escola da Colegiada de Nossa Senhora da Oliveira remonta aos primeiros tempos da nacionalidade portuguesa e é possivelmente mais antiga do que ela. O que não sofre dúvida é que no tempo de D. Sancho II já ela funcionava, *ministrando instrução a quantos a ela concorriam*.

Consta dos *estatutos* dados ou confirmados à Colegiada em 1228, pelo Cardeal João de Abavila, bispo de Sabino e legado a *latere* em Espanha, que nela haveria sempre um *mestre de gramática* com direito a uma prebenda inteira e, quando esta não bastasse, a catorze áureos de gratificação.

E' difficil averiguar-se se tal escola foi criada pelos estatutos referidos ou se anterior a êles; mas não repugna acreditar que fôsse instituída justamente com a Colegiada, em vida de D. Afonso Henriques, nos princípios do século XII. Não sofre, porém, contestação que *a escola funcionou ininterruptamente* após a sua criação. São disto prova suficiente as frequentes referências que ao cónego mestre escola se fazem nos documentos relativos à Colegiada.

As aulas funcionavam no silêncio e remanso do claustro da Oliveira, tam propício ao estudo e à meditação, e aí continuaram a funcionar, quando em 1891 se reorganizou a Colegiada e, em lugar da escola de gramática, se instituiu o *Pequeno Seminário de Nossa Senhora de Oliveira* onde os cónegos ficavam obrigados a ministrar ensino.

Cinco anos mais tarde, em 1896, o *Pequeno Seminário*, instalado já no actual edificio, reorganizou-se em liceu nacional, permitindo-se nêle duas matrículas diferentes, uma para alunos que se destinavam à carreira eclesiástica e outra para os que pretendiam seguir qualquer carreira civil. Durou esta situação até 1910, ano em que a veneranda Colegiada foi extinta, mantendo-se porém o liceu de Guimarães, que pouco depois recebia a designação de Liceu de Martins Sarmento.

Lêde e propagal

RESSURGIMENTO

Aos Vimaraneses

e mais Portuguezes dos Estados Unidos da América do Norte.

A Câmara Municipal de Guimarães, interpretando o sentir unânime do povo desta antiga e nobilíssima Cidade e seu Concelho, berço glorioso onde germinou, cresceu, tomou forma e se fez realidade, o Sonho da mais heróica das Pátrias, vem, por esta forma singela, saudar aquêles dos seus Irmãos Portuguezes que, seguindo o gosto da Aventura herdado dos seus Maiores, levaram o seu trabalho, a sua alma, às terras distantes dos Estados Unidos da América do Norte, as altas, valorosas, incedíveis virtudes da Raça, o ritmo da nossa bela e harmoniosa língua e o perfume das mais nobres tradições e costumes dos Portuguezes.

Ao transmitir-vos esta mensagem, fazemos os mais ardentes votos por que os vossos olhos e o vosso coração, mesmo longe, solicitados embora por mil conveniências e tentações, se não apartem nunca de Portugal, dêste Portugal heróico dos Descobrimientos, hoje restituído à glória do seu destino civilizador: e para que Deus, — que na fala doce das vossas Mães aprendestes a amar! — vos ajude a vencer, sempre e em todos os lugares, com os olhos e o coração postos na Pátria gloriosa e imortal.

Guimarães, Paços do Concelho e sala das sessões da Câmara Municipal, 23 de Março de 1939.

O Presidente,

Magalhães Couto.

Baile de Alélua

Decorreu com entusiasmo o baile do sábado passado realizado no Salão nobre da Associação Comercial.

Dançou-se animadamente até ao romper da alvorada. A orquestra agradeu completamente. Até o simpático guarda-chuva veio como nota espirotosa da gente juvenil. Não só pela sua animação, mas pela enorme e selecta assistência êste baile marcou na vida elegante desta cidade.

Abrilantaram com a sua presença tam interessante festa, as gentis damas:

Ex.^{mas} Sr.^{as} D. Maria da Conceição Ramos Martins Fernandes (da comissão), D. Maria da Assunção Viamonte da Silveira Lobo Machado (da comissão), D. Carlota Santoalha, D. Delmina Rodrigues, D. Laurinda Ramos Fernandes, D. Joana Viamonte da Silveira Lobo Machado, D. Beatriz Carneiro, D. Elisa Machado Falcão, Fafe, D. Glória Pereira Mendes, D. Maria Augusta Monteiro Dias de Castro, D. Maria dos Prazeres da Costa Carvalho, D. Antónia Passos, D. Maria da Conceição Matos Cardoso, D. Maria Matos, D. Maria do Carmo Noronha de Carvalho, D. Aida Machado Falcão, Fafe, D. Aida Alijó de Lima, D. Ismália Alijó, D. Lucília Alijó de Lima Laranjeiro, D. Maria Julieta Freitas de Oliveira, D. Maria da Conceição Garrido Meireles, D. Maria Amélia Moniz Azenha, D. Maria de Sá Vilaça, D. Ana Viomonte Figueira de Sousa, D. Zulima Paiva Pimenta, D. Maria Celeste Carvalho, Lisboa, D. Maria Carlota Carvalho, D. Maria Fernanda Carvalho, D. Maria Elisa Carvalho, D. Maria Vences-

ALTO, GLORIOSO EMBLEMA

CHAGAS SANGRANDO, AUREOS CASTELOS, QUINAS:
HERALDICA SUPREMA,
COMPOSIÇÃO DE COUSAS PEREGRINAS...

ESSE GLORIOSO EMBLEMA,
QUE, NO TEU PEITO, BRILHA, OH MOCIDADE
QUAL TRÉMULO RADIAR DO SETE-ESTRÉLO,
OU DO VERBO DOS SANTOS O ESPLENDOR,
OU FLAMA, DESPRENDENDO-SE DA CRUZ,
— MISTICO E HEROICO — É O SIGNO DA VERDADE:
PARA QUE POSSAS COMPREENDÊ-LO,
ERGUE A TUA ALMA A DEUS, EM VIVA PRECE,
QUE DEUS TUDO ESCLARECE;
ERGUE-A, NO MESMO ESTADO DE FERVOR
DO PADRE QUE, NO ALTAR, A HÓSTIA ELEVA
E EXPULSA A TREVA
E FAZ A LUZ!

TAM BELO QUE OUTRO ASSIM JÁMAIS SE VIU,
ELE, O PRECIOSO EMBLEMA, ARDEU, FULGIU
POR SOBRE A IRADA VAGA TORMENTÓRIA,
NO TUMULTO DAS ÉPICAS BATALHAS,
COMO PENHOR SAGRADO DA VITÓRIA!
ELE FULGIU NO LINHO DAS MORTALHAS:
FICOU A MEMORAR, A ENNOBRECER
AQUELES QUE SOUBERAM BEM MORRER!
ELE FULGIU — DOCE ORAÇÃO EXTASIADA —
NOS LIVROS DE HORAS
DOS PRÍNCIPES DE AVIZI
E, ENTRE NUENS, EM PÁLIDA REVOADA,
FULGE, A CANTAR, NOS HALOS DAS AURORAS
— OH MOCIDADE EM FLOR — DO TEU PAÍS!

CHAGAS SANGRANDO, AUREOS CASTELOS, QUINAS:
HERALDICA SUPREMA,
COMPOSIÇÃO DE COUSAS PEREGRINAS...

OH MOCIDADE, EXULTA! DÊSSE EMBLEMA,
QUE, NO TEU PEITO, BRILHA,
DO EMBLEMA QUE REFLECTE A MARAVILHA
DUMA FOGUEIRA, NO INFINITO, ACESA,
MANA OUTRA LUZ, (NÃO SEI COMO DIZER...)
UMA LUZ QUE ESTÁ SEMPRE A AMANHECER;
LUZ, QUE, EM SONHOS, DIVISO, DEBUXANDO,
LONGE, — NO AZUL, NA SIDERAL PUREZA,
VERSOS DE EXALTAÇÃO, FEBRIL TRANSPORTE:
OS ESPANTOSOS VERSOS QUE, DA MORTE,
CAMÕES LHE VAI DITANDO!

MÁRIO BEIRÃO.

lina Pereira Maia, Braga, D. Maria Virgínia Lopes, D. Maria Helena Trancoso Vaz, D. Maria Madalena Jancinto, D. Ana Maria Jacinto, D. Maria da Encarnação Jacinto, D. Rosa Cândida Ferreira Gonçalves, D. Amélia Cristina Ferreira Gonçalves, D. Maria Carolina Dias Pinto de Castro, D. Irene Miranda, D. Emília Miranda, D. Diva da Silva Pacheco, Lamoso (Paços de Ferreira), D. Maria Adelaide Monteiro de Meira Vieira Ramos, D. Delfina Neves, D. Maria do Sacramento de Castro Alves Ferreira, D. Maria Fernanda de Castro Alves Ferreira, D. Margarida Viamonte da Silveira, D. Maria José Viamonte da Silveira, D. Maria Gabriela de Matos Cardoso, D. Maria João de Matos Cardoso, D. Maria Adriana Matos, D. Antonieta Passos, D. Cacilda Passos, D. Isolete Vilaça, D. Ana da Veiga Ferreira Pedras, D. Alcina da Veiga Ferreira Pedras, D. Inez Maria da Veiga Ferreira Pedras, D. Rosa Gonçalves Martins, D. Maria Albertina Carneiro, D. Dirce da Silva Pacheco, Lamoso (Paços de

Ferreira), D. Alzira de Matos Laranjeiro, D. Maria Hermínia Alves Salgado, D. Maria Rolande Guimarães Alves Soares, D. Teresa Maria Mota Prego Faria, D. Maria Luiza Mota Prego Faria, D. Maria Ruth Guedes Machado Falcão, D. Maria Antónia Azevedo, D. Maria Francisca Azenha, D. Maria Adelaide Azenha, D. Matilde Azevedo Machado, D. Beatriz Azevedo Machado, D. Maria Emília Pereira, Braga, D. Maria do Carmo Rodrigues Cardoso, Pevidém, D. Maria Ambrosina Barbosa de Oliveira, D. Maria Amélia Pinto de Castro Fernandes, D. Maria Beatriz Pimenta, D. Maria Amélia Pimenta, D. Maria Emília Pimenta, D. Augusta Pereira Mendes, D. Natércia Alijó de Lima, D. Maria Adelaide Garrido Meireles, D. Maria Teresa Barros Teixeira da Mota, Basto, D. Maria Carolina Noronha de Carvalho, D. Maria José Noronha de Carvalho, D. Aurora Noronha de Carvalho, D. Judite Noronha de Carvalho e D. Maria Eduarda Freitas.

Santuário da Penha

(Continuação do número anterior)

Simão António Fernandes	50\$00
Manuel M. de Oliveira	500\$00
Camilo L. dos Reis	20\$00
Artur da Silva Pereira	20\$00
Empregados do Banco N. Ultramarino	30\$00
Américo Teixeira	10\$00
Almérico Ferra	50\$00
Dr. Bravo de Faria	50\$00
Café Oriental	100\$00
Alberto Carneiro	20\$00
Jacinto Guimarães	20\$00
Joaquim Rodrigo Pinto	10\$00
Dr. Manuel Jesus de Sousa	50\$00
José Pinto Pereira de Oliveira	20\$00
José Fernandes Martins	20\$00
Farmácia Barbosa	10\$00
José Pinheiro	40\$00
Braga & Carvalho, Suc. ^{or}	100\$00
Damião de Sousa Pinto	20\$00
Guilhermino Barreira	10\$00
Francisco Faria	50\$00
Freitas & Genro	50\$00
Pedro de Freitas	50\$00
D. Emília Cândida da S. Freitas	100\$00
D. Eulália da Silva Freitas	30\$00
Alberto Gomes Alves	30\$00
Eduardo Pereira dos Santos	20\$00
D. Amélia Gonçalves Coelho	20\$00
Sousa & Coelho	50\$00
Paulino de Magalhães	50\$00
Empregados do Banco de Barcelos	20\$00
Domingos M. Fernandes	100\$00
Casimiro M. Fernandes	50\$00
D. Maria da Glória Figueira de Sousa	100\$00
Pensão Comercial	20\$00
João Ribeiro de Castro	10\$00
D. Maria José Teixeira de Abreu e Irmã	50\$00
Avelino da Silva Guimarães	30\$00
Francisco Baptista Coelho da Silva	10\$00
Filipe Coelho	20\$00
D. Fernanda Loureiro Soares Moreira	50\$00
Alfredo Guimarães	20\$00
D. Maria Teresa Martins Cerqueira	20\$00
D. Rita Rodrigues Loureiro	100\$00
Felícia de Matos	20\$00
D. Beatriz Martins	50\$00
Anónimo	10\$00
D. Amália Figueiredo	10\$00
Eugénio & Novais	25\$00
José Luiz Ribeiro	10\$00
D. Ana Maria Ferreira	10\$00
D. Maria de Belém Teixeira de Carvalho	1 L. ouro
D. Emília Teixeira de Carvalho	1 L. ouro
D. Rosa Teixeira de Carvalho	1 L. ouro
D. Joséfa Teixeira de Carvalho	1 L. ouro

(Continua.)

Negou-se Deus, a certeza, a verdade, a justiça, a moral, em nome de mil sistemas confusos, nesse século XIX. Mas a negação, a indiferença, a dúvida não podem ser fontes de acção.

SALAZAR.